



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

CONFIGURAÇÕES HOMOAFETIVAS NA NARRATIVA INFANTO- JUVENIL: UMA ANÁLISE DO ROMANCE O DIÁRIO DE RAFINHA – AS DUAS FACES DO AMOR.

Kyssia Rafaela Almeida Pinto - Mestre pela PPGLI/UEPB

Na obra *Diário de Rafinha – as duas faces de uma amor* (2009), Léo Dragone não se limita a narrar a descoberta da sexualidade de seu personagem principal – Rafael, e de seu desejo homoerótico, mas elabora um discurso narrativo no qual perfila várias questões morais e identitárias próprias da adolescência, apresentando vários problemas familiares e morais relacionados à fase adolescente.

Rafael é filho de uma típica família normal, filho de Sr. Osvaldo e Dona Zélia, irmão de Raissa, é aparentemente um rapaz sem problemas, namorado e popular entre as garotas. Todavia, conforme o próprio narrador afirma nos primeiros momentos do texto, Rafinha era Um adolescente que sempre esteve longe de ser o queridinho da família. Muito pelo contrário, era a ovelha negra (*Diário de Rafinha*, p.11), e isto ficará bem evidente ao longo da narrativa, diante das ações do personagem. A obra, assim, narra a história de Rafael, um adolescente que se apaixona pelo namorado de sua irmã, Tom, e em nome desse amor realiza inúmeras ações imorais, chegando a se envolver com tráfico de drogas e até a cometer alguns assassinatos. Vejamos como esse processo se inicia na narrativa, quando Rafinha conhece o novo namorado da irmã e se apaixona por ele de imediato, que, conforme a descrição,

Era um moreno jambo, alto e estiloso, usava um corte de cabelo meio careta para sua idade, o que não chegava a ofuscar sua beleza. Lembrava o Tom Cruise. A roupa combinava bem com sua juventude e com seu jeito simples e carismático, calça jeans e camiseta branca, que deixava as mostras os braços fortes e o físico sarado. (*Diário de Rafinha*, p. 12)



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Quando falamos em beleza masculina, devemos entender que durante grande período da antiguidade clássica, esse tema sempre foi ressaltado, principalmente na literatura. Diferente das demais obras analisadas, através da narrativa fica claro que em nenhum momento o personagem entra em crise com a descoberta do seu desejo por seu amigo, e conseqüentemente a sua orientação afetiva. O que se torna bastante paradoxo, uma vez que o narrador de imediato o caracteriza como um verdadeiro macho alfa (p.13), um típico sujeito heterossexual, ele, todavia, sente-se atraído de imediato pelo amigo, por seu porte físico sarado e seu estilo jovial. A narrativa segue e Rafael lembra de um episódio que ocorrera nos fundos da escola, vejamos:

Vai até o quarto, pega a toalha, entra no banheiro e toma um banho refrescante. No chuveiro, começa a lembrar de um episódio que acontecera uma vez no colégio, quando conversava com um colega nos fundos da escola: - Já beijou um homem? - Não! - responde o amigo, com a expressão assustada. - Tem curiosidade? - pergunta Rafael, se aproximando do garoto. Um enorme silêncio toma conta do lugar e os dois se aproximam de repente. Um beijo.

Logo depois surge a lembrança de Tom no carro, naquela tarde, os dois se divertindo a valer. Em seguida, a imagem de Raissa, perguntando se ele estava apaixonado, ao vê-lo entrar em casa todo contente. Caiu em si, ficou embaixo do chuveiro por um bom tempo. (*Diário de Rafinha*, p. 14)

É interessante perceber a forma que o narrador tenta justificar como a questão do desejo homoafetivo surge na narrativa. O personagem principal que a princípio acreditávamos ter em Tom o seu primeiro desejo homoafetivo, relata que em outro momento, movido por um impulso, beijara outro menino. O fato surge de forma bastante superficial, pois não há um envolvimento, uma relação entre os sujeitos da ação, apenas o fato isolado. Rafinha, no decorrer da narrativa, não consegue se conter diante da descoberta de estar apaixonado por Tom, que retribui a empatia, tornando-se assim grandes amigos. O tempo passa e o sentimento de Rafinha só aumenta, após a convivência com o amigo, que se mostrara uma pessoa amável e sensível, alimentando os desejos e anseios de Rafael:

Cai a noite. Sentado na janela do quarto, observa quando Tom chega para pegar Raissa. Os dois entram no carro e saem. Rafael vai até o quarto da irmã, pega uma caixa com fotos e começa a vasculhá-la. Sai do quarto, levando consigo uma fotografia de Tom. Deita na cama, olha pra ela e chora. (*Diário de Rafinha*, p. 14)

O sentimento de Rafinha por Tom só fazia crescer e é a partir daí que ele começa a articular ações para roubar o namorado da irmã. De início, Rafael forja uma traição da irmã com Patrick, o antigo namorado dela, que o procura pedindo ajuda, pois gosta muito de Raissa e quer tê-la novamente como namorada. Seu plano dá certo, uma vez que consegue separar o casal, e deixar Tom livre, pelo menos por algum tempo, tempo esse que ele aproveita para se aproximar cada vez mais do amigo, pois não consegue mais disfarçar o seu desejo:



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Depois da aula, Rafinha resolve ir até a casa de Tom. O rapaz abre a porta usando apenas um short preto. Rafinha observa-o de cima a baixo. Repara nas coxas grossas do rapaz, sobe o olhar pela barriga tanquinho, e, de repente, cai em si, envergonhado de sua reação. Fica sem graça. O rapaz parecendo nada ter percebido, convida-o para entrar. (*Diário de Rafinha*, p. 20)

A relação de Rafael com Tom se torna cada vez mais forte, chegando inclusive a ir morar com ele, após uma briga com seu pai, Sr. Osvaldo. No entanto, a alegria de Rafael dura pouco, pois logo Tom se apaixona por Luiza, uma menina recém-chegada do interior e que vai morar ao lado da família de Raissa. A garota é uma menina doce e amável que conquista a todos, menos Rafinha, por ser uma verdadeira ameaça a este. Começa então uma sucessão de sabotagens ao relacionamento de Tom e Luiza, uma vez que Rafinha não suportava a ideia de ver o seu grande amor com outra pessoa.

O primeiro incidente ocorre quando toda a turma decide ir acampar e Rafael, tomado de ciúmes por perceber que seu amigo está a cada dia mais apaixonado pela namorada, trama contra a própria vida da menina. Ocorre, deste modo, que quando estão todos se divertindo em uma cachoeira de difícil acesso, Rafael diz a Luiza que a ajudaria a passar por um caminho muito perigoso, no entanto, deixa propositalmente a menina cair, jogando-se em seguida no rio, para tentar remediar um pouco da sua ação.

Luiza, para infelicidade de Rafinha, sobrevive e continua namorando Tom, e agora passa a conhecê-lo melhor. É então que Rafael decide tramar um plano infalível contra ela. Com a ajuda de Patrick, o personagem articula um modo de Tom acreditar que havia sido traído por Luiza, assim, drogam a menina e a colocam em uma situação comprometedoras junto ao rapaz que haviam contratado. Deste modo, ao chegar, Tom flagra os dois deitados e totalmente sem roupas, e não reluta um só instante, termina tudo com Luiza imediatamente. Rafael consegue, enfim, deixar Tom livre, porém isto não configurou em nenhum instante a concretização do amor de Rafinha, pois o narrador não dá nenhuma pista de que ele também possa gostar de meninos.

Rafael dá um forte abraço no amigo, um abraço afetuoso. *Para Tom era apenas um abraço fraterno de dois bons amigos*, mas para Rafael era uma forma de senti-lo bem perto, sem dar pistas do que realmente sentia. Um abraço apertado, na impossibilidade de um beijo. (*Diário de Rafinha*, p. 47, grifo nosso)

Rafael dá um forte abraço no amigo, um abraço afetuoso. *Para Tom era apenas um abraço fraterno de dois bons amigos*, mas para Rafael era uma forma de senti-lo bem perto, sem dar pistas do que realmente sentia. Um abraço apertado, na impossibilidade de um beijo. (*Diário de Rafinha*, p. 47, grifo nosso)

(...) - Sabe, Tom? Uma vez eu tive um amigo muito próximo, só que da minha idade. Mas ele era tão legal quanto você. Esse meu amigo era gay



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

- É mesmo, cara? Seu amigo era gay? E como ele era? Nunca deu em cima de você? O que aconteceu com ele? – pergunta Tom, super curioso.
- Tínhamos uma relação muito fraterna no começo, até então eu não sabia de nada. Só que um dia, quando estávamos sozinhos nos fundos do colégio, ele me pediu um beijo.
- E aí? O que você fez? (*Diário de Rafinha*, p. 56).

Essa construção de um universo inventado pelo personagem, sobrepondo-se ao conjunto que retrata os padrões sociais da época, serve como uma forma de escapar aos mecanismos opressores, criando, na ficção, espaço para realização dos desejos mais profundos e ocultos de liberdade. Para Eribon (2008), a autoafirmação da identidade homoafetiva é um importante passo no processo de aceitação de sua identidade. Assim para o autor:

O gay que se reivindica como tal é mais livre, menos prisioneiro da identidade homossexual, que aquele que deve pensar nisso a cada instante, em todas as situações da existência, a fim de não traír aquilo que ele é aos olhos dos outros. Logo, dizer-se gay também é libertar-se do peso da identidade que pesa sobre aqueles que procuram dissimular sua homossexualidade. Isso significa, sobretudo, que se é menos dependente da prisão da identidade e mais livre em sua relação com os outros (com os outros homossexuais e com os outros em geral). (ERIBON, 2008, p. 124).

Percebemos que uma das particularidades do nosso protagonista é a sua aceitação em relação a sua identidade, ao seu desejo. Não vemos na narrativa ela duvidar ou temer seu desejo, seus medos e anseios relacionam a reciprocidade de seu afeto, mas não quanto a alguma dúvida desse sentimento. Todavia, a sonhada idealização de um amor romântico reserva uma tonalidade mais sombria, em se tratando do amor homossexual, pois a teimosa procura do outro é visualizada como uma ainda mais certa impossibilidade afetiva. E, pelo caráter ainda mais impossível do amor entre iguais, a sua idealização seja ainda mais sublimada, isso fica bem evidente no trecho a seguir:

O rapaz deu um sorriso sem graça, mas estava contente pela demonstração de solidariedade do amigo, que se aproximou e abraçou-o com força. Tom retribuiu o abraço. Era uma sensação de êxtase para Rafael sentir o corpo de seu amado colado ao dele, as batidas de seu coração, a sua respiração, o seu cheiro. (*Diário Rafinha*, p. 67).

Entre os gradientes sensoriais visão, audição, olfato, tato e paladar; a visão é o polo mais distante, enquanto o paladar é o mais próximo na relação com o mundo externo, o tato, por sua vez, consiste em um primeiro contato com o outro. Borges Filho (2007) destaca que:

Ver ainda não nos garante a verdade, é preciso tocar, como bem exemplifica a atitude de Tomé no famoso episódio do Evangelho. (BORGES FILHO, 2007, p. 93)

Esse amor torna-se ainda mais distante, após Tom descobrir toda a verdade acerca de Rafinha que, conforme o título bem sugere, possuía um diário, no qual relatava tudo que fazia e pensava, inclusive as suas ações mais sórdidas. Vejamos o trecho que descreve o momento em que Tom lê o diário de Rafinha:

Pega o diário no quarto de Rafael e começa a ler. Sua expressão era de choque. Nem se deu conta que já estava na décima página. Era tudo tão estarrecedor. A cada página uma história, a cada história uma decepção. (...) Mas o que mais lhe perturbava naquela sucessão de loucuras era o amor que Rafael relatava sentir por ele ali, e tudo o



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

que tinha acontecido em consequência disso. Quantos desvarios aquele menino cometera em nome desse amor! Tráfico de drogas. Assassinato! Tom estava totalmente perplexo, enojado. (*Diário de Rafinha*, p. 91).

O amigo não consegue aceitar a justificativa de Rafinha de ter sido capaz de ações tão sujas e cruéis em nome de um possível amor e isto acaba por provocar nele um preconceito contra os sujeitos gays, descrevendo esse tipo de amor como *nojento, uma doença, como pecado*. Para Tom, era impraticável a possibilidade da manifestação da afetividade entre sujeitos do mesmo sexo, uma vez que possuía uma identidade sexual – heterossexualidade – bem definida, para ele, esse tipo de relação de configurava como pecaminosa, daí proibida e inaceitável, a sua rejeição torna-se ainda mais forte ao se deparar com a quantidade de atos impensados que o amigo foi capaz de fazer em nome desse grande amor. Tom vê-se cada vez mais surpreendido com o que encontra escrito no diário de Rafael, todas as coisas que ele descreve ter feito em nome de seu sentimento, todavia, o amigo não fica nada feliz ao saber de todas aquelas crises e desabafa:

- Monstro! – disse Tom, furioso.
- Tom, por favor... Só queria que entendesse o meu lado.
- Quer que eu entenda o seu lado? Que lado? Quer que eu entenda as armações e as perversidades de alguém que se afundou na lama, que causou tanto sofrimento às pessoas, só por causa de um capricho?
- Não é um capricho, Tom... É amor. Tudo que eu fiz foi por amor. Tente me entender. É mais forte do que eu...
- Por amor? Você enlouqueceu? Eu sou hetero, Rafael. Você já deveria saber. E heteros gostam de mulheres. Jamais ficaria com um homem. Só de pensar me dá nojo.
- É nojento um ser humano amar outro? – Será que você não vê? Isso é uma doença, isso é sujo, isso é pecado!
- Não, não é! Como pode ser pecado amar uma pessoa? Querer só o bem, querer ficar perto, querer dar e receber carinho, ficar ao lado da pessoa amada quando ela precisa... Como um sentimento tão bonito pode ser pecado? Um sentimento que faz tão bem à vida. Você acha mesmo que *isso é pecado?* (*Diário de Rafinha*, p. 91, grifo nosso).

Um outro elemento que é apresentado na narrativa e que contribui para a formação da identidade do protagonista é a sua relação com as drogas e o mundo do crime. Rafinha se envolve com Galego, um famoso traficante que o alicia para o mundo das drogas e do crime, fazendo dele um de seus funcionários, Rafinha é responsável por pegar as drogas no morro e vende-las na escola, e cada vez mais se envolve com os traficantes. Assim, o personagem sai da escola e se dedica exclusivamente ao trabalho no morro.

Segundo Barcellos (2000), é comum aqueles que se caracterizam como diferentes serem incluídos, ou se auto incluírem em processos de marginalização de suas diferenças. Este fato fica bastante evidente no personagem da narrativa aqui analisada, uma vez que ele se identifica com o mundo do crime e encontra nele uma forma de afirmação de sua força e capacidade de conseguir seus objetivos. Deste modo o autor destaca que:

A igualdade passou a ser entendida sobretudo em termos de norma, o que condena irremediavelmente qualquer diferença a um estatuto de marginalidade e monstruosidade, cuja mera existência se converte assim numa transgressão. Mas ainda, mostra como a sociedade burguesa não consegue pensar esses indivíduos marginalizados senão reduzindo-os artificialmente a coletividades, isto é,



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

considerando-os única e exclusivamente a partir do ponto de vista de sua negatividade frente à norma social (BARCELLOS, 2000, p. 22).

Conforme Barcellos, mesmo que as ações de Rafael sejam justificáveis pelo sentimento que ele declara ter pelo amigo, elas não se tornam aceitáveis, continuam sendo negativas do ponto de vista social.

Depois da briga com Tom e de todos descobrirem a verdade a seu respeito, Rafinha foge e permanece escondido por algum tempo. Todavia, os traficantes e uma antiga namorada planejam uma vingança contra Rafael, fazendo Tom refém destes. Ao descobrir do perigo que a vida de seu amado estava correndo, Rafael sai desesperado em busca de salvá-lo. Chegando ao apartamento de Tom, Rafinha mata os bandidos que lá estavam e resgata o seu amigo:

Rafael cometera mais um crime. Agora tornara-se um assassino, que destruía a própria vida com seus impulsos descontrolados, comandado pela tirania de suas emoções, de sua raiva. (*Diário de Rafinha*, 104). Inicia-se aí uma fuga alucinante de Rafael, que agora fugia dos traficantes que queriam vingança, e da polícia que acabara descobrindo tudo.

Rafinha fora pego pela polícia e assume todos os seus crimes, chegando assim a ser condenado. Durante o período que passa na prisão o narrador onisciente, por várias vezes, relata a sua angústia e o sofrimento pela culpa de seus atos: Cumprindo sua reclusão, Rafael definha a cada semana. Aos poucos, vai parando de se alimentar, chora constantemente e passa a ter alucinações. (p. 108); Queria dar um fim a sua vida (p.109); Sua imagem era a própria imagem da amargura (p. 113), dentre outros.

Porém, de nada adianta a fuga, e os dois acabam encurralados. Vejamos o desfecho da obra:

Embaixo deles, outra queda d'água rugia feito um leão raivoso. O estrondo era ensurdecedor. Tom olha para o amigo, com um olhar triste e amargurado:

– Eu não vou ser preso. Você fica ou vem comigo?

– O que você quer dizer com isso?

– Prometi a mim mesmo que não iria fazer você sofrer mais. Prometi que não deixaria você sofrer por mim, mas não posso lhe dar o amor que você quer. Também não posso passar o resto da minha vida na cadeia. Para mim a única saída é me jogar nessa cachoeira e acabar com todo o sofrimento. Rafael, em lágrimas, olha para o amigo com compaixão e desespero pelo seu gesto extremo. Não podia perdê-lo assim. E tudo por sua culpa. Aproxima-se, segura sua mão com força e diz:

– Eu vou com você.

– Você tá disposto a fazer isso por mim?

– Não vou suportar viver sem você. Mesmo que fosse somente como meu amigo para toda vida, não iria suportar viver sem você ao meu lado. Tom o abraça forte e emocionado. Os policiais estão prestes a capturar os dois, os cães já estão muito próximos. Rafael segura o amigo pela nuca e o beija. Tom, mesmo sem querer, retribui o beijo, que seria o último de ambas as partes. Rafael viaja em emoções. As lágrimas inundam os olhos de ambos, profundas como as cachoeiras. Sabiam que aqueles seriam seus últimos segundos de vida e entregam-se àquele momento de corpo e alma. Assustados com os latidos dos cães, separam seus lábios, olham para trás e se aproximam do abismo. Antes, porém, se encararam mais uma vez e Rafael sussurra suas últimas palavras:

– Este é o pior e o melhor dia da minha vida.

– Este é o melhor dia das nossas vidas, pois nos libertamos deste mundo de rótulos, raças e preconceitos, para entrarmos num mundo onde poderemos viver juntos e em paz para toda eternidade. Os dois se olham e sorriem. Todo resto sumira. Os policiais,



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

os cachorros, o estrondo das cataratas, tudo. Apenas a paz e um prenúncio de felicidade giravam em torno dos dois, que pulam de mãos dadas para um novo mundo, onde viveriam para todo sempre. Em poucos segundos, são engolidos pela Garganta do Diabo. E nunca mais se ouviu falar deles. (*Diário de Rafinha*, p. 125-126).

O final da narrativa assume um caráter trágico e ao mesmo tempo redentor, pois os jovens, mesmo tendo um final dramático, terminam aparentemente juntos como numa possibilidade da concretização do amor homoafetivo entre eles, uma vez que acabam se beijando. Embora tal fato possa demonstrar um grande paradoxo, pois a todo momento o narrador deixa claro que Tom não nutre nenhum desejo por Rafael, mas descreve a reação da personagem como uma consolação ao amigo que passara por inúmeros infortúnios ao longo da história, pois, conforme o narrador, Sabiam que aqueles seriam seus últimos segundos de vida e entregam-se àquele momento de corpo e alma, mediante o uso do tempo verbal no plural, podemos afirmar que a reação é conjunta, ambos, Tom e Rafael se entregam àquele momento e vivenciam o seu desejo. Todavia, mediante a descrição do narrador, parece-nos que tal fato só ocorre, devido a circunstância em que se encontravam, ou seja, sem nenhuma saída, no limiar de suas vidas, num verdadeiro espaço fronteiro, uma vez que, segundo Certeau (2003): O espaço da fronteira é paradoxal. É ao mesmo tempo espaço

O espaço da fronteira é paradoxal. É ao mesmo tempo espaço de comparação e contato entre espaços e subespaços. Possibilita inversões, deslocamentos, transgressão do limite, desobediência à lei do lugar [...] No interior das fronteiras está o estrangeiro, o sabbat da memória, inquietude e familiaridade. Tudo ocorre como se fosse a ponte que abre dentro para o seu outro (CERTEAU, p. 2003, p. 215).

Para o autor, a zona de fronteira leva o sujeito a ações de desobediência à lei e isso fica bastante evidente no trecho da obra transcrito acima, uma vez que ao mesmo tempo em que o lugar descrito como um lugar de libertação – pois será onde, de certa forma, o desejo afetivo do personagem principal será realizado, haja vista ele conseguir beijar seu amigo amado – é também um lugar de morte e fuga, pois os dois acabam desaparecendo – e possivelmente morrendo – ao se lançarem no precipício, fugindo da polícia.

A compreensão do espaço na estrutura narrativa é fundamental para entender as implicações ideológicas e culturais e até mesmo estéticas que se inserem na configuração de uma determinada obra. A miséria do espaço descrito comunga plenamente com o perfil interior de um sujeito em estado de mobilidade, inserido numa margem a qual ele próprio não consegue definir, uma vez que no seu íntimo ele sofre por ainda não possuir uma identidade estruturada.

O processo de construção da personagem central se dá em meio aos inúmeros conflitos que estão atrelados ao seu processo de construção identitária. Este processo é bastante complexo e se amarra num sistema de referências e representações do papel social masculino, uma vez que a personagem, sendo um menino, conforme indicado, acaba se envolvendo em inúmeras situações problemáticas de fundo social e comportamental, tais como: mentiras, roubo, tráfico de drogas e até assassinato.

Todas essas questões e, por fim, a descoberta da sua homoafetividade fazem parte dos inúmeros conflitos vivenciados por Rafael. Em seu processo de descoberta e amadurecimento, a personagem, ao contrário do herói tradicional, aparece fragmentada em sua condição humana de sujeito em formação, pois está perdido, sem norte, sem rumo, uma vez que busca



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

inúmeras formas de superar suas dificuldades e principalmente de vivenciar sua homoafetividade. A essa forma de construção de personagem, Antônio Candido (2007), em seu ensaio *A personagem do romance*, faz a seguinte observação:

[...] o romance, ao abordar as personagens de modo fragmentário, nada mais faz do que retomar, no plano da técnica, de caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento de nossos semelhantes. Todavia há uma diferença básica entre uma posição e outra: na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro. (CANDIDO, 2007, p. 65)

No desfecho da narrativa, parece que é o amigo/amor que é capaz de superar os limites e medos, uma vez que Tom mostrou-se imensamente preconceituoso ao descobrir a sexualidade de Rafael. Todavia, para satisfazer o companheiro que se encontrava sem nenhuma alternativa, acaba oferecendo a maior prova de amor, mesmo sem, em nenhum momento, apresentar esse sentimento pelo amigo, uma vez que Tom beija Rafael como último ato de suas vidas, já que acabam pulando no precipício quando em fuga da polícia.

O romance finaliza, conforme dissemos desde o início, apresentando um combinação de emoções e descobertas, que vão da esfera sentimental à moral e psicológica, pois o protagonista enfrenta as mais diversas tribulações durante a sua adolescência, tendo, portanto, a descoberta da sua homoafetividade como fator impulsionador de todas as outras transformações e descobertas de sua vida, inclusive no seu desfecho, pois fica subtendido uma possível morte em nome da sua orientação sexual.

As repetições e explicações que o narrador faz constantemente na sua narrativa explicitam os conflitos vivenciados pela personagem que se vê perdida em meio a muitas perguntas sem nenhuma resposta. A necessidade de explicações de Rafael é constante durante todo texto, o que fica mais evidente em seu discurso altamente explicativo sobre todos os assuntos. Outro recurso constantemente utilizado pelo autor são os monólogos interiores nos quais a personagem-narradora mergulha instrospectivamente em seu universo interior e, junto dela, o leitor, num intenso jogo de sentimentos e emoções que se configuram por toda obra.

Algumas Considerações Finais

Através da literatura, que amplia as possibilidades do mundo real e transforma anseios e desejos em realizações concretas, a vontade de negar uma autorrepresentação carregada de preconceitos e de pontos de vista pessimistas parece ser notório. Contudo, não é tarefa fácil atingir este objetivo, não é simples desfazer-se de um modelo que tem servido, durante séculos, de referência para homens construir seus cotidianos. Reconsiderar questões e inserir no contexto social análises discursivas que não sejam pautadas unicamente por uma norma heterossexual e machista parece abrir espaço para novas conceituações. Os pressupostos sexuais e de gênero defendidos pelo modelo falocêntrico não se sustentam mais devido às profundas transformações vigentes no mundo contemporâneo, e revisar essas práticas sociais obsoletas e arruinadas em si mesmas é dever de todos os sujeitos, seres



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

atuantes na sociedade, para que sejam fincadas as novas ideias acerca do comportamento masculino na atualidade.

Os textos brasileiros de temática homoafetiva, principalmente os que não se preocupam com questões de ordem estética, são publicadas por questões sociológicas, culturais: o valor político, nesta perspectiva, desarma o valor estético porque, hoje, parece mais importante a visualização de um grupo identitário com desejos, costumes, aspectos psíquicos, modos de vida, formas diferentes de narrar o outro e a si, de se perceber e de se mostrar, de representar e de ser representado. O slogan que parece fazer funcionar esta lógica é publicar para que todos tomem consciência da representação gay na literatura e passem a entender esta parcela da população não pelos filtros jurídicos ou médico-legais (como até meados do século XIX), mas que possam visualizar o desejo e a subcultura gays como formas de vida já consolidadas socialmente ao ponto de culturalmente serem motivos de representação. 128

Segundo as palavras de Souza Júnior (2002), e corroborando com o pensamento de Hall (1997), a noção de tolerância há muito não satisfaz as discussões acerca das relações homoafetivas. Tolerar significar pôr-se em uma posição acima/superior de legitimidade, enquanto, os outros, a margem, deve ser tolerada. A norma existe e é dominante, os excêntricos apenas tolerados; assim, conforme o autor:

Para consolidar os estudos de Literatura e homoerotismo precisamos fazer melhor do que termos tolerância. Precisamos assegurar o terreno conquistado, sem cairmos nas teias privatizantes da pós-modernidade, que desinvestem de importância o espaço público e comum. (SOUZA JÚNIOR, 2002, p. 82).

Não creio nas utopias, mas na atividade diária da revisão de paradigmas possibilitada pela experiência humana. A oportunidade de, agora, pensar como a crítica literária pode promover diálogos sobre os direitos humanos no solo dos estudos gays e lésbicos é por demais necessária, bem vinda e, enfim, é a ousadia sonhada.

Uma das grandes preocupações e embates dos estudos sobre sexualidade sempre foi o de saber que conteúdos serem trabalhados nas escolas, levando em conta determinadas variáveis como: série e idade dos estudantes, para garantir desenvolvimento apropriado a seu nível de maturidade cognitiva e suas necessidades sociais sobre o tema. Em relação a isso constatamos uma multiplicidade de pontos de vista no meio educacional e acadêmico. Foucault (1997) afirma com bastante propriedade que nas relações humanas existe uma espécie de feixe de relações de poder, constituindo um campo extremamente complexo.

Lendo este processo por meio de Foucault, percebemos que as micro relações de poder encontradas na construção deste discurso heteronormativo pode estabelecer a necessidade de resistir e com isso negar que o poder até então exercido pela exclusão seja negado. Lutar contra esse poder é uma tarefa árdua, sobretudo é importante ressaltar que assim como ele vem se perpetuando sutilmente, uma das melhores formas também de combatê-lo no que diz respeito à marginalização de determinados grupos como os homoafetivos é (des)marginalizá-los.

A presença de discursos contra os comportamentos não heterossexuais dos personagens (machos), as características associadas à homossexualidade, os motivos pelos quais o protagonista é discriminado, as violências sofridas por ele, enfim, são indícios da



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

busca de uma (re)orientação para a identidade heterossexual, que, por sua vez, acabam confirmando tanto a presença da homoafetividade quanto uma nova referência entre o bom e o ruim das práticas discursivo-culturais abordadas nesta narrativa.

Percebemos que na obra a abordagem da temática está sempre voltada para aceitação do diferente sexual enquanto personagem merecedor de respeito, carinho e compreensão do outro. O desejo do protagonista é apenas viver a sua diferença sem conflitos. É entender que a orientação homo não foi uma escolha dele, e que ele se sente bem vivendo suas diferenças. As relações sociais e pessoais vivenciadas por ele, mesmo que rodeadas de fatores negativos, contribuem tanto para abrir discussões sobre essas relações quanto perceber o indivíduo homoafetivo em uma outra perspectiva que não seja a da doença, da anomalia, da perversão, do distúrbio.

Referencias Bibliográficas

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006. (Coleção Em Questão) _____. Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas. *Caderno Seminal*. Rio de Janeiro, ano 7, nº 8, 2000.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e Literatura: uma introdução a topoanálise*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção...* [et al]. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Debates)

_____. *Literatura e Sociedade: estudos da teoria e história literária*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Trad. Procópio Abreu; editor José Nazar. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCALT, Michel. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007

_____. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007a.

FERREIRA JUNIOR, Nelson Eliezer. *Caio Fernando Abreu: A identidade (re)construída para além do arco-íris*. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A Ed., 1997.

SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de. *Literatura e Homoerotismo: uma introdução*. São Paulo: Scortecci, 2002.